

SISTEMAS DE CONDUÇÃO PARA O CULTIVAR DE UVA PARA MESA MARIETA (1). HÉLIO JOSÉ SCARANARI (2), FERNANDO PICARELLI MARTINS e JOASSY DE PAULA NEVES JORGE (3). O Instituto Agrônômico, através da Seção de Viticultura, vem desenvolvendo, desde 1943, um programa de melhoramento visando à obtenção de novos cultivares, principalmente de uvas para mesa.

Obtido em 1953 como resultado do cruzamento: IAC 21-1 (seibel 11342 x moscatel donalísio) x jumbo (itália x sultanina), o cultivar IAC 503-33 (marieta) apresenta méritos culturais (3), embora não esteja, ainda, sendo plantado em larga escala.

Trata-se de videira vigorosa, produtiva, com boa resistência às moléstias criptogâmicas, e que se tem mostrado compatível com os porta-enxertos mais comumente usados na viticultura paulista. Seus cachos são de médio para grandes, compactos e cilíndricos. As bagas são médias, arredondadas, de cor amarela, sabor neutro, textura trincante e boa aderência ao pedicelo.

Neste trabalho, tendo em vista as características do cultivar e, por conseguinte, a possibilidade de vir a ser incluído entre as uvas populares para mesa comercialmente cultivadas, procurou-se verificar o seu comportamento quando conduzido em dois diferentes sistemas de condução e, em conseqüência, submetido a duas diferentes intensidades de poda.

Material e métodos: O ensaio foi conduzido na Estação Experimental de Jundiá, em uma mancha de solo, alterado por valeteamento, da Unidade Corrupira — Modal, segundo a Carta de Solos da Estação (4).

O delineamento estatístico adotado foi o de blocos ao acaso, com dois tratamentos: sistemas de condução espaldeira e manjedoura, e dez repetições, sendo cada parcela constituída de cinco plantas.

A espaldeira, que é o sistema de condução predominantemente usado no Estado de São Paulo, nas culturas de uvas populares para mesa, constou de mourões dispostos nas linhas de plantas, distanciados de cinco metros, onde foram fixados três fios de arame: o primeiro a 1 metro, por onde se estenderam os troncos das videiras e os outros dois a 1,4 e 1,7 metro do solo.

A manjedoura é uma modificação da espaldeira, através do emprego de três travessas horizontais de 0,7, 1,3 e 2 metros, que

(1) Recebida para publicação em 13 de agosto de 1976.

(2) Com bolsa de suplementação do C.N.Pq.

(3) SOUSA, J. S. I. Uvas para o Brasil. São Paulo, Melhoramentos, 1969. 456 p.

(4) VALADARES, J. M.; LEPSCH, I. F. & KÜPPER, E. A. Levantamento pedológico detalhado da Estação Experimental de Jundiá. *Bragantia* 30:337-385, 1971.

foram pregadas nos mourões, respectivamente a 1,3, 1,6 e 2 metros da superfície do terreno, e em cujas extremidades passavam os fios de arame. A um metro do solo passou-se um fio de arame por onde foram conduzidos os troncos das videiras.

O ensaio teve início em julho de 1965, quando foi feito o plantio no local definitivo, das estacas dos porta-enxertos da variedade ripária x rupestris 101-14. O espaçamento adotado foi o de dois metros nas entrelinhas e um metro entre plantas.

Um ano após foi feita a enxertia do cultivar IAC 503-33 (marieta), pelo processo de garfagem.

A partir da segunda poda de inverno, feita em 1968, as videiras foram submetidas, em função do sistema de condução, a diferentes intensidades de poda. Anualmente, as conduzidas na espaldeira receberam poda curta, sendo deixados esporões com duas gemas, enquanto as conduzidas na manjedoura receberam poda longa, onde eram deixadas varas com cinco gemas.

Todas as parcelas de plantas receberam o mesmo tratamento, durante a duração do ensaio, sendo-lhes dispensados os tratamentos culturais normalmente exigidos para a condução de um vinhedo. O controle fitossanitário, além do tratamento de inverno, constou, em média, de 10 pulverizações feitas durante o ciclo vegetativo das videiras. A adubação, anual, foi feita com 1.500 g de torta de mamona, 400 g de sulfato de amônio, 500 g de superfosfato simples e 300 g de cloreto de potássio, por planta.

Resultados e conclusões: A coleta de dados se estendeu de 1969 a 1974, devendo-se ressaltar que as produções referentes aos anos de 1973 e 1974 foram bastante prejudicadas por intenso ataque de abelhas e vespas.

São apresentados no quadro 1 os dados relativos ao número e peso total dos cachos, por parcela, obtidos nas seis colheitas controladas.

Para a avaliação dos resultados obtidos foi feita a análise da variância conjunta para os dados de produção obtidos no período considerado, conforme consta do quadro 2.

Uma vez que não houve interação sistemas de condução x anos, as conclusões podem ser tiradas da análise conjunta dos resultados.

Houve diferença altamente significativa entre a produção dos diversos anos. O sensível decréscimo observado nos dois últimos anos do período é conseqüência, como foi frisado anteriormente, de ataques severos de abelhas e vespas que atingiram todo o lote, prejudicando consideravelmente a produção.

QUADRO 1. — Número de cachos e produção em quilogramas de frutos por parcela, obtidos no período de 1969 a 1974, em ensaio de sistemas de condução para o cultivar de uva para mesa IAC 503-33 (marieta), instalado na Estação Experimental de Jundiá

TRATAMENTO	Repe- tição	PRODUÇÃO NOS ANOS												Total	
		1969		1970		1971		1972		1973		1974			
		n.º	kg	n.º	kg	n.º	kg	n.º	kg	n.º	kg	n.º	kg		
Condução em espaladeira	1	16	3,10	60	8,34	53	11,39	56	11,60	32	3,85	6	1,63	223	39,81
	2	25	4,55	54	10,19	70	11,39	66	9,07	39	5,10	19	5,13	273	45,43
	3	19	4,15	57	11,83	80	14,55	79	10,85	5	0,78	4	1,30	244	43,46
	4	11	2,45	47	8,76	46	9,52	58	7,98	10	1,80	5	1,42	177	31,93
	5	21	4,32	72	11,39	67	11,84	74	10,80	8	1,30	8	2,32	250	41,97
	6	13	3,77	59	11,12	54	9,02	58	7,32	10	2,10	16	4,40	210	37,73
	7	24	5,52	68	13,60	51	8,36	63	8,90	17	3,24	15	4,25	238	43,87
	8	10	2,55	52	8,10	62	12,06	83	10,85	25	3,87	13	3,80	245	41,23
	9	21	4,66	60	9,39	41	7,90	51	7,98	6	0,95	10	3,00	189	33,88
	10	6	0,93	65	9,76	36	5,90	48	6,46	37	4,66	12	3,45	204	31,16
Condução em manjedoura	1	32	7,35	82	12,20	66	12,10	83	12,19	25	3,74	21	5,68	309	53,26
	2	15	3,88	66	9,93	60	13,55	82	10,74	30	3,87	15	4,10	268	46,07
	3	29	5,90	124	18,84	84	13,15	71	11,13	6	1,14	8	2,20	322	52,36
	4	13	2,51	78	11,85	69	14,13	65	7,90	20	3,45	12	3,34	257	43,18
	5	46	7,03	107	17,66	86	15,60	78	10,66	22	2,79	23	6,33	362	60,07
	6	37	6,75	126	19,33	77	14,15	80	11,05	37	4,20	24	6,70	381	62,19
	7	34	6,89	86	13,62	94	15,00	91	12,80	16	2,43	19	5,23	340	55,97
	8	25	4,94	88	12,94	33	8,42	65	8,06	27	3,70	20	5,73	258	43,79
	9	34	7,50	72	9,93	50	11,00	61	8,29	42	5,14	15	5,10	274	46,96
	10	18	4,14	76	11,68	37	6,50	81	13,56	20	2,85	25	6,95	257	45,68

QUADRO 2. — Análise da variância conjunta para dados de produção, obtidos no período de 1969 a 1974, em ensaio de sistemas de condução para o cultivar de uva para mesa IAC 503-33 (marieta), instalado na Estação Experimental de Jundiá

F.V.	S.Q.	G.L.	Q.M.	F
Total	2.193,9920	119		
Tratamentos	118,1273	1	118,1273	30,95 **
Anos	1.599,8178	5	319,9636	83,84 **
Repetições	74,1120	9	8,2347	
Tratamentos x anos ..	24,1184	5	4,8236	
Resíduo	377,8615	99	3,8163	

C.V. = 26,0%

A produção total obtida das videiras conduzidas no sistema de manjedoura foi altamente superior à das conduzidas em espaldeira, embora nos anos de 1971, 1972 e 1973 a diferença entre elas, ainda que sempre a favor do primeiro sistema, não tenha chegado a ser significativa.

Para verificar se o aumento da produção foi devido ao peso dos cachos ou ao número deles, foi analisado o peso médio dos cachos.

Somente no ano de 1970 as plantas conduzidas no sistema de espaldeira produziram cachos mais pesados que os das conduzidas no sistema de manjedoura. Em todos os demais anos não houve diferença entre o peso médio dos cachos produzidos pelas videiras conduzidas nos dois sistemas.

Assim, a diferença de produção pelos dois sistemas foi devida ao maior número de cachos produzidos pelas plantas conduzidas no sistema de manjedoura. ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE JUNDIAÍ E DIVISÃO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS BÁSICAS, INSTITUTO AGRÔNOMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO.

FORMS OF SUPPORTS FOR THE IAC 503-33 (MARIETA) TABLE GRAPEVINE

SUMMARY

The results obtained in experiments using two forms of supports for the IAC 503-33 (Marieta) table grapevine are reported in the present paper.

The performance of the IAC 503-33 has been verified by using the three-wire vertical trellis and the "Y" — type trellis, with the corresponding spur and cane pruning. The mean and total weight of the cluster have been analysed. The total production was significantly greater in the "Y" type trellis, due to the greater number of clusters produced with this type of support.